

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE DISCURSIVIDADE, GRAMÁTICA E SINTAXE¹

Verli Fátima Petri da Silveira
UFRGS²

A cada leitura/re-leitura dos textos de Michel Pêcheux nos expomos à produção de novos sentidos e isso produz em nós um efeito contraditório, numa situação de fascínio e sedução e ao mesmo tempo de desconforto e de dúvida... Tantos elementos merecem destaque... Mas devemos optar por aquele que mais nos toca nesse momento. Hoje, o que mais me seduz é pensar as possibilidades e as impossibilidades de se estabelecer relações entre a discursividade e a gramática, partindo do que Michel Pêcheux pensou na década de 80. Entendo que Pêcheux nos convida a pensar sobre a necessidade de abertura das questões que são tratadas como puramente gramaticais, caminhando em direção à discursividade, pois para ele já estava muito claro que aquilo que gramaticalmente pudesse ser apresentado de outra forma (transformado), discursivamente também deveria ter outra significação e é ao sair da ordem gramatical, indo em direção à “ordem do discurso” (no sentido de Foucault³), que se percebe o lugar onde a história trabalha, fazendo a diferença, pois ela comporta o contraditório, o conflitante, o instável.

Neste artigo, onde Pêcheux trata do encaixamento, da articulação e do desligamento de enunciados, ele está tomando o enunciado, enquanto unidade de análise lingüística, sob três modalidades diferentes de apresentação e de funcionamento, explicitando que:

- a primeira modalidade, a do encaixamento, é justificável e interpretável gramaticalmente;

¹ Essa reflexão tem como ponto de partida o artigo “L’énoncé: enchâssement, articulation et déliaison”, de Michel Pêcheux.

² Doutoranda na área de Estudos do Texto e do Discurso.

³ Em seu livro “A ordem do discurso”.

- a segunda modalidade, a da articulação, escapa um pouco à gramática, ocupando o lugar de “problema-limite para as teorias gramaticais e em particular para a GGT”. No caso dos enunciados coordenados ocorre apenas um recobrimento parcial por parte da gramática, pois a produção dos sentidos vai depender (pelo menos em parte) da interferência de elementos externos à gramática para que haja a interpretação dos enunciados em questão (elementos tais como: ideologia, cultura, história, etc.).

Para Pêcheux, quando se chega a esse limite, no qual a ordem da gramática, sozinha, não dá conta da interpretação dos enunciados, abre-se o espaço marcado pela necessária influência de elementos de uma outra ordem: a ordem do discurso.

- a terceira modalidade, a do desligamento, rompe definitivamente com as possibilidades de justificação e interpretação puramente gramatical. Nesse caso, há uma extrapolação dos limites da gramática, em seu aparato teórico e regulador, onde se instala o impossível, o “real da língua”, no sentido de Milner⁴, e o real da história, no sentido de Pêcheux. Nesse lugar, faz-se imprescindível a presença da história como constitutiva de sentidos para que se realize a interpretação dos enunciados.

A essa modalidade, a gramática tradicional destinou o lugar das agramaticalidades, o lugar que não há como recobrir e, portanto, fica do lado de fora, e é esse lado de fora que comporta o real, o impossível, a ordem do discurso.

Assim, o que a GGT entende como gramatical e agramatical não é aceito em AD como uma forma de oposição do tipo certo/errado; pois em AD a sintaxe é entendida como lugar da organização, mas também da não-estabilização, espaço de possíveis transgressões...⁵ É através da sintaxe que o analista de discurso pode atingir a língua enquanto ordem simbólica, onde se constroem os efeitos

⁴ 1978;1989.

⁵ A propósito das reflexões sobre sintaxe e discurso em AD conferir Ferreira (2000).

discursivos. Mas, além da desconstrução do par opositivo gramatical/agramatical, faz-se necessário desconstruir uma outra oposição que por muito tempo determinou o que é próprio e o que é impróprio em termos de gramática, trata-se do par homogeneidade/heterogeneidade que separaria a gramática da discursividade. Pêcheux aponta caminhos para pensarmos o espaço teórico da gramática de uma forma que comporta a diferença, porque esse espaço já não pode ser visto como perfeitamente homogêneo. A tese da homogeneidade da língua, objeto da gramática, já não se sustenta, e os exemplos de Pêcheux explicitam isso.

Assim sendo, encaixamento, articulação e desligamento seriam lados de uma mesma moeda (tridimensional, no mínimo), onde é possível uma relação formal que permite um recobrimento parcial por parte da gramática, pois ela daria conta, ainda que precariamente, de um dos lados, mas os outros extrapolariam o espaço da homogeneidade, avançando em direção à discursividade que admite o diferente no interior do mesmo.

Penso que uma das indagações que acompanhava Pêcheux sempre que ele refletia sobre questões de sintaxe era a seguinte: Há possibilidades de se construir uma gramática do discurso? Em essência, não se obteve uma resposta afirmativa para essa questão até hoje, porque a gramática, por sua própria especificidade de reguladora, jamais admitiria o impossível no real da língua, como se admite em AD, nem se contentaria em observar regularidades, como se faz na ordem do discurso. Pêcheux, como analista de discurso que ocupa um lugar fundador, nos leva a crer que realmente não há possibilidades de se construir uma gramática discursiva porque tal gramática teria que admitir a opacidade em lugar da transparência, assim como a incompletude em lugar da totalidade, e o mais importante: ela teria que admitir o impossível no real da língua e ao fazer isso já não seria mais possível chamá-la gramática, pois é uma de suas características principais ter bem delimitadas as suas fronteiras. Diante da impossibilidade de uma gramática do discurso o analista de discurso não esmorece, pois lhe é corriqueiro trabalhar com questões que ficam em aberto e

cabe a ele deslocar essas questões, pensá-las de outras formas, jogar uma nova luz no que para outros parecia já uma questão encerrada.

Na verdade, os princípios que norteiam as discussões em AD não nos permitem, até o presente momento, pensar em uma gramática discursiva, mas e a sintaxe discursiva é possível? Ainda há muito a fazer, mas acreditamos nessa possibilidade, desde que a sintaxe sofra o necessário deslocamento saindo do campo da Lingüística para produzir outros efeitos de sentidos no campo da AD. Esta é a questão essencial: num lugar se produz determinado sentido e noutro lugar passa a significar diferentemente. Ao deslizar do lingüístico para o discursivo, a sintaxe vai incorporando a si mesma algumas características que permitem que ela funcione como um observatório do discurso, como aquele dispositivo reconhecido como porta de entrada para o analista. Dentre estas características devemos destacar que a sintaxe deixa de ocupar um lugar central e passa a trabalhar “em equipe”, pois ela não é a única possibilidade de entrada para o discurso assim como sem a interferência da historicidade e da exterioridade ela não é capaz de contemplar a complexidade do funcionamento das materialidades discursivas. É através da sintaxe discursiva que se consegue explicitar as marcas lingüísticas, importantes para uma análise discursiva, mas, sobretudo, ela passa a constituir sentidos junto aos outros elementos do discurso.

Assim sendo, importa mesmo discutir a questão da discursividade, que permanece em aberto por sua própria especificidade, em relação à gramática, que busca produzir o efeito de completude. O fato é que o que é e o que não é objeto de estudo da gramática interessa aos analistas do discurso. Trata-se de pensar na “ordem do discurso”, que seduz e conquista os analistas, mas que é temida por muitos que não suportam a inquietação que o que é transitório provoca, que o que está destinado a se apagar produz; enfim, são muitos os que não suportam a contradição de deter o poder e de estar em perigo ao mesmo tempo.

É na “ordem do discurso” que se instalam as lutas que visam desconstruir pares opositivos do tipo gramatical/agramatical e possível/impossível da língua; é pela “ordem do discurso” que se luta para que não se institua uma “única interpretação”, “um sentido literal”. É pela “ordem do discurso” que se luta para

que a sintaxe - enquanto superfície - não seja tomada como “plana”, perfeita e bem delimitada, pois a cada aparição o discurso se revela como uma forma de sedução, na qual os efeitos de sentidos entre os interlocutores podem sempre ser outros.

É na “ordem do discurso” que se luta para que a língua seja considerada elemento essencial, algo que está em pleno funcionamento, inalienavelmente, e só pode ser tomada em suas relações com o social e com o histórico na materialidade discursiva.

Ao meu ver, a ordem do discurso desloca a discussão instalada na ordem gramatical: importa agora, mais do que nunca, observar a superfície e levar em conta o que está no exterior, deixando de lado as tentativas, tantas vezes frustradas, de aprofundamento puramente gramatical.

Pêcheux nos convoca a cada texto: “Assumamos essa luta!” Essa luta não é só pelo discurso, enquanto materialidade simbólica da maior importância, é uma luta pela linguagem que não deve e não pode ser tomada como “transparente”; é uma luta pelo sujeito que não deve e não pode ser concebido como “origem do dizer” e “tirano controlador dos sentidos”; é uma luta pelo sentido que deve e pode ser um “incansável fugitivo” das prisões da literariedade.

Hoje, temos algum distanciamento e podemos propor leituras e interpretações para o que Pêcheux nos mostra, então podemos vislumbrar o discurso, em seu estado latente (inscrito na ordem do interdiscurso), como uma estrela que resplandece uma luz maravilhosa: não conseguimos tocá-la, mas ela nos seduz totalmente. Somente ao tomarmos o discurso, em sua materialidade, já inscrito numa determinada formação discursiva, é que conseguimos tocar sua superfície, e ela não é lisa, porque nela circulam os sentidos; de perto, a superfície não é clara nem transparente, mas sim opaca e misteriosa; e, definitivamente, ela não é deserta, porque nela inscrevem-se os sujeitos e deleitam-se os analistas. A superfície do discurso é sintaxe e é semântica, é o lugar das inflexões, das nuances, das formas de sedução e do fascínio que nos domina sem que possamos resistir. A superfície do discurso é também o lugar das aparências e as aparências não têm compromisso algum com uma verdade qualquer; pelo

contrário, as aparências têm o poder de deslocar as verdades e desmontar qualquer teor intencional que possa estar “no fundo das aparências”. Essas aparências nos conduzem a uma saborosa aventura num “mar de significações” e é ao sabor das ondas (ideológicas e inconscientes) que oscilamos entre o sentido e o não-sentido.

Referências Bibliográficas:

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (2000) Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

FOUCAULT, Michel. (1996) A ordem do discurso. 2. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola.

MILNER, Jean-Claude. 1978) L'amour de la langue. Paris: Éditions de Seuil.

_____. (1989) Introduction à une science du langage. Paris: Éditions du Seuil.

PÊCHEUX, Michel. (1981) L'énoncé: enchâssement, articulation et dé-liaison. CONEIN, Bernard et al. Matérialités Discursives. Lille: PUL.